

ASCENSÃO E LEGITIMAÇÃO DE ALEXANDRE, O GRANDE, NA ANÁBASE DE ALEXANDRE MAGNO DE ARRIANO DE NICOMÉDIA

André Luiz Leme¹

RESUMO: O presente artigo traz uma análise do processo de ascensão e legitimização de Alexandre, o Grande, com base na obra *Anábase de Alexandre Magno*, de Arriano de Nicomédia. Escrevendo no século II d.C., este autor compôs uma história que privilegiou os aspectos políticos e militares da vida de Alexandre, na qual ressalta de forma implícita o bom exemplo de suas ações e comportamento. Ou seja, de sua notável liderança. Discutimos aqui o modo como a figura histórica de Alexandre foi construída, buscando compreender os possíveis interesses de Arriano por detrás desta narrativa. Ao mesmo tempo tentamos nos aproximar de um Alexandre histórico através dela, apontando as características de um período (que vai de 336 a 334 a.C.) no qual ele consolidou, estrategicamente, sua posição enquanto rei macedônio e *hegemon* dos gregos.

PALAVRAS-CHAVE: *Alexandre, o Grande; Grécia Antiga; Civilização Helenística; Arriano de Nicomédia.*

ABSTRACT: This article provides an analysis of the process of rise and legitimacy of Alexander the Great, based on the work *Anabasis of Alexander*, from Arrian of Nicomedia. Writing in the second century AD, he composed a story that focused on the political and military aspects of Alexander's life, which emerges by implication the good example of his actions and behavior. That is, of its outstanding leadership. We discuss here how the historical figure of Alexander was built, seeking rightly understand the possible interests of Arrian behind this narrative. At the same time we try to approach a historical Alexandre through it, showing the characteristics of a period (which goes from 336 to 334 BC) in which he consolidated, strategically, his position as Macedonian king and Greek *hegemon*.

KEY-WORDS: *Alexander, The Great; Ancient Greece; Hellenistic Civilization; Arrian of Nicomedia.*

¹ Graduando em História pela Universidade Federal do Paraná. Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED/UFPR). Sob orientação do Professor Doutor Renan Frighetto, com tema de pesquisa sob a forma do presente título do artigo aqui apresentado.

Alexandre, o Grande (356-323 a.C.) foi um personagem que, pela importância e amplitude inconteste de seus feitos, foi tema recorrente de trabalho para vários autores da Antigüidade. Eles retrataram, sob diferentes pontos de vista, a história do rei macedônico – ora exaltando suas qualidades, ora seus defeitos. Ou seja, a figura histórica de Alexandre foi construída sob formas e enfoques distintos, em grande parte seguindo os respectivos desígnios de cada narrador. Portanto, a tradição legada por Alexandre também não esteve livre de ser utilizada por vários autores, quando foi conveniente e possível, no vasto campo de interesses políticos da Antigüidade.

Nosso objetivo aqui é analisar uma dessas construções, a obra *Anábase de Alexandre Magno*, de Arriano de Nicomédia (80/95-175 d.C.), buscando compreendê-la no período específico da ascensão e legitimação de Alexandre – um recorte que vai de sua ascensão à realeza macedônica (336 a.C.) até a partida da expedição rumo ao Oriente (334 a.C.). Desse modo, pretendemos discutir os possíveis interesses de Arriano inerentes à composição de sua história, os quais certamente influenciam no modo como ele irá narrá-la e também nos seus enfoques. Ao mesmo tempo vamos apontar as várias características do processo de ascensão e legitimação de Alexandre, debatendo suas estratégias e as dificuldades que enfrenta, buscando sempre nos aproximar de um Alexandre histórico – uma perspectiva que procura contornar a visão romantizada, predestinada e mítica que muitas vezes caracteriza o personagem.

Nosso conhecimento acerca da trajetória de vida de Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, o autor da nossa fonte, é escasso e fragmentado. Sabe-se que nasceu, entre os anos de 80-95 d.C., em Nicomédia, na Bitínia, local onde foi criado e recebeu sua educação. Posteriormente, por volta de 108-116 d.C., esteve em Nicópolis, no Épiro, onde conheceu e estudou a filosofia de Epicteto. No que tange sua carreira pública foi nomeado senador, pelo Imperador Adriano, no período de 117 a 120 d.C. Exerceu o posto de *consul suffectus*

entre os anos 120 e 130 d.C., e o encontramos como *legatus Augusti pro praetore*, de 131 a 137 d.C., na província da Capadócia – a qual teve de proteger de uma série de ataques bárbaros (mais especificamente, dos Alanos). Não detemos maiores informações acerca de sua posterior carreira política ou militar, senão o fato que esteve em Atenas, como cidadão honorário, no ano de 145/6 d.C.² Da mesma forma, não há conhecimento exato para a data de sua morte, provavelmente em torno de 175 d.C.

Arriano foi um homem culto e erudito, como tantos outros o foram em sua época, a exemplo de Máximo de Tiro e Élio Aristides. Como pudemos perceber foi um notável servidor do Império, mas também se destacou como um literato de grande importância, reconhecido e elogiado por sua *paidéia* por autores como Lucius Claudius Cassius Dio.³ Foram várias as obras dedicadas à Alexandre por Arriano: a *Anábase de Alexandre Magno* (escrita em sete livros, relatando os empreendimentos militares do rei macedônio), a *Indiké* (concebida como o livro VIII da obra anterior) e também *Os Acontecimentos Após Alexandre* (um tratado em 10 livros sobre os Diadoques).⁴ Entre outras obras de sua extensa produção literária, citemos os tratados militares *Formação militar contra os Alanos* e *Táticas*; e as de cunho filosófico *Diatribas de Epicteto* e *Encheirídion*.

Imersa no mundo imperial romano do século II d.C., a *Anábase de Alexandre Magno* foi composta num período caracterizado, no campo da literatura, pela retomada ou imitação (*mimésis*) de modelos da tradição grega clássica. Arriano aponta para essa tendência quando busca principalmente no modelo desenvolvido por Xenofonte, em sua *Anábase*, o alicerce retórico para escrever

² BRAVO GARCIA, Antônio. In: ARRIANO. *Anabásis de Alejandro Magno (I-III)*. Trad. de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982. p.12.

³ GARCIA, Antônio. In: ARRIANO. *Anabásis de Alejandro Magno (I-III)*. Trad. de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982. p.12.

⁴ LOZANO VELLILLA, A. *El mundo helenístico*. Madrid: Editorial Sintesis, 1992. p.27.

uma história sobre Alexandre, o Grande.⁵ A escolha de tal modelo, um relato notável de expedição militar, já evidencia o interesse maior de Arriano na obra: ressaltar os aspectos políticos e militares da vida de Alexandre. Corrobora essa idéia o fato de que ele, Arriano, dispunha de fontes que forneciam um quadro documental propício e mais recomendado para tal feito narrativo.

Arriano, como diz no prefácio da obra, buscou sua documentação nos relatos de Ptolomeu e Aristóbulo, testemunhos próximos ao rei macedônio e, portanto, muito bem informados. Ptolomeu, um nobre macedônico, foi um dos primeiros a escrever sobre Alexandre. Quando este morreu, os sucessores discutiram a partilha do reino: o Egito ficou com Ptolomeu, que fundou ali sua própria dinastia. Do mesmo modo que Ptolomeu buscou nos vestígios mortais de Alexandre uma herança legitimatória para o seu governo, podemos pensar que a composição desta narrativa encaminha-se no mesmo sentido: aproximar sua figura à de Alexandre. Sua história destacou-se pela centralidade nas ações técnico-militares, deixando de lado uma explanação mais específica sobre os objetivos e vontades do rei macedônio. Por sua vez, demonstra-se realista e moderado.⁶ Aristóbulo também participou ativamente das campanhas de Alexandre enquanto um dos técnicos do exército. Teria relatado as primeiras campanhas do rei, entre elas a tomada de Tebas e os conflitos políticos com os atenienses. Igualmente apresenta detalhes das campanhas militares e dos efetivos do exército. Sua obra teria sido de notável extensão e importância. Preocupou-se em escrever uma história política e militar, mas também detalhou aspectos que vão desde o arqueológico até o social da época.⁷ E foi justamente seguindo esse estilo que Arriano desenvolveu uma perspectiva de clara afinidade aos aspectos políticos e militares. Por isso, do momento da publicação do livro,

⁵ BRAVO GARCIA, Antônio. In: ARRIANO *op. cit.* p.10.

⁶ MOSSÉ, C. *Alexandre, o Grande.* Trad. de Anamaria Skinner. São Paulo: Editorial Estação Liberdade, 2004. p.178.

⁷ BRAVO GARCIA, Antônio. In: ARRIANO. *op. cit.* p.37.

apenas em 1775, a obra de Arriano foi considerada o relato mais exato da campanha e dos desígnios buscados por Alexandre.⁸

A questão levantada por Antônio Bravo Garcia em relação à época na qual Arriano teria começado a escrever gera dúvidas acerca de uma datação mais exata de suas obras, em especial a *Anábase*. Esta poderia ter sido escrita no início de sua carreira (115-130 d.C.) ou posteriormente (160-165 d.C.), como discute Garcia.⁹ Para esta pesquisa, adotamos como referência temporal para a composição da *Anábase* o intervalo, ainda amplo, da atuação militar e política de Arriano (117-137 d.C.). Como justificamos a escolha desse período? Pela extensão e características de sua produção literária, Arriano teve de conciliar desde cedo sua carreira de homem público com a de literato. A composição de obras tático-militares nessa época (*Formação militar contra os Alanos* e *Táticas*), sobre sua ação militar na Capadócia, evidencia e abre espaço para discutirmos a relação que as importantes questões de seu tempo tiveram como influência para sua composição literária e histórica.

Consideramos que a *Anábase* expressa em seu âmago as vicissitudes desse período – caracterizado, no campo político e militar, pela insurgência de ameaças que punham em risco a defesa e a estabilidade do Império Romano. Portanto, é na análise e caracterização do comportamento estratégico de Alexandre, dentro dos episódios militares que compõem a narrativa, que iremos perceber o quanto Arriano, um homem versado nos assuntos políticos e militares de seu tempo, levanta de forma implícita uma série de idéias e sugestões para as questões conflitantes que o Império Romano enfrentava. Ou seja, a história (nesse caso específico, a de Alexandre) nos forneceria os exemplos bem sucedidos de ações passadas que, por sua vez, legitimam e orientam as atitudes a serem tomadas no presente.

Portanto, a *Anábase* apresenta elementos que seriam muito pertinentes à época de atuação pública de Arriano, e evidencia seu

⁸ MOSSÉ, C. *Alexandre, o Grande...* p.183.

⁹ BRAVO GARCIA, Antônio. In: ARRIANO. *op. cit.* p.20

possível momento de composição. Por mais que autores como Garcia afirmem que não “debamos ver en ella un producto nacido de un verdadero interés por lo político ni de una actividad directa en estas matérias”¹⁰, devemos ter em mente que a obra de Arriano não se encontra descontextualizada ou mesmo desprovida de interesses momentâneos durante sua composição. Desse modo, tal como Claude Mossé afirma, “mesmo os relatos de batalha são ‘construções ideológicas’. Arriano não é, assim, mais do que os autores ditos da ‘vulgata’, uma testemunha objetiva”.¹¹

Arriano teve maior destaque na vida pública durante o principado de Adriano, que foi de 117 à 138 d.C. Este governo caracterizou-se, em linhas gerais, pela política de caráter defensiva – como o atesta a construção de várias fortificações, entre elas a muralha que leva o nome do mesmo Imperador na região da Britânia. Além disso, as relações diplomáticas, seja com os povos vizinhos ou com as elites provinciais, ganharam destaque, servindo de base para a manutenção do poder imperial e a estabilidade das conquistas romanas. Algumas destas conquistas, realizadas anteriormente pelo Imperador Trajano (53-117 d.C.) frente a Monarquia Parto e aos Dácios foram reavaliadas e consideradas inseguras e onerosas demais para sua manutenção. Portanto, será sob estas diretrizes políticas do Império Romano que Arriano irá desenvolver sua carreira, ponto de inferência para sua obra intelectual, em especial a *Anábase*, a qual iremos analisar sob foco da ascensão e legitimação de Alexandre.

No início de sua obra, após uma breve discussão acerca de seu método e as fontes utilizadas, as já citadas obras de Ptolomeu e Aristóbulo, Arriano comenta sobre a sucessão real macedônica:

Según se dice, Filipo murió siendo arconte en Atenas Pítodelo. Alejandro, por entonces de unos veinte años le sucedió como rey por ser su hijo, y se presentó con su ejército ante el Peloponeso. Tras reunir allí a los griegos

¹⁰ *Idem*, p.10.

¹¹ MOSSÉ, C. *Alexandre, o Grande...* p.184.

que habitan esta región, les reclamó el caudillaje de la expedición contra los persas, caudillaje que otrora otorgaran a Filipo¹².

De fato, Arriano faz um relato curto, objetivo e seco sobre como Alexandre sucedeu seu pai e, imediatamente, foi logo requerer o título de *hegemon* frente às *poleis* gregas. Mas busquemos compreender melhor cada etapa desse processo, deixando que a pressa e ansiedade narrativa de Arriano não nos afetem.

Inicialmente, pensemos melhor acerca da ascensão ao poder régio macedônio: ao dizer que Alexandre sucedeu à Felipe II (382-336 a.C.) por ser seu filho, o autor já nos destaca o caráter hereditário da monarquia macedônia que, de certa forma, alçou o filho de Felipe II ao cargo de seu pai. Mas qual a real importância dessa hereditariedade no processo sucessório? Para essa questão, Arminda Lozano Velilla nos diz que

Políticamente, Macedonia estaba organizada como una monarquía, cuyo rey pertenecía a la dinastía de los Argeadas, los cuales desde el siglo V lograron imponer su posición sobre una nobleza fuerte, de carácter o base económica territorial.¹³

O rei macedônio, desse modo, advinha de uma dinastia. Contudo, segundo a própria Arminda, “contrariamente a lo que suele ser habitual en regímenes monárquicos, no se daba el principio hereditario dentro de la dinastía argeada”.¹⁴ Desse ponto de vista, Alexandre não teria sua ascensão facilitada apenas pelo seu laço consangüíneo com Felipe II. Além disso, a situação denotava cuidados e ações urgentes, tendo em vista que “las posibilidades para encontrar un sucesor a Filipo eran varias (...) existian varios parientes con posibilidades de acceder al trono”.¹⁵ Já para Claude Mossé, o poder centralizado na Macedônia teria surgido por volta do século VII a.C. – consequência do domínio de uma dinastia vinda de

¹² ARRIANO. Trad. de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982. p.120.

¹³ LOZANO VELILLA, A. *El mundo helenístico...* p.20.

¹⁴ *Idem*, p.28

¹⁵ *Idem, ibdem.*

Argos, a partir da qual a realeza passou a ser transmitir hereditariamente no seio dessa família.¹⁶ Contudo, não se descartava a existência de querelas dinásticas que opunham pretendentes ao trono: Felipe II, por exemplo, assume como rei no lugar de Amintas, herdeiro legítimo de Pérdicas, no momento demasiado jovem. Após a morte de Felipe II, Alexandre teria enfrentado resistência para suceder a seu pai, pois haveria outros pretendentes, considerados mais “legítimos”, para assumir a autoridade real.¹⁷ Ou seja, haveria na época argumentos relacionados à sua hereditariedade.¹⁸

Como podemos perceber, há nas duas explicações uma sutil diferença – Velilla não enfatiza o seguimento da linhagem sucessória como decisivo na sucessão, enquanto Mossé já discute sua possível interferência e importância. No entanto, as duas autoras apontam para a existência de conflitos sucessórios era uma constante, e talvez não devêssemos confiar no processo hereditário como indiscutível naquela forma de monarquia.

Discutir acerca desse processo, muito conflituoso no caso de Alexandre, não acrescentaria nada de bom à imagem de Alexandre. Pelo contrário, levantaria dúvidas acerca da legitimidade e institucionalidade de sua ascensão. Por isso, acreditamos que Arriano poderia ter deixado de lado essa questão de forma intencional, o que explica a generalização reducionista realizada pelo autor que evidencia um processo praticamente sem entraves.

Mas se apenas alegar o aspecto hereditário não se torna suficiente, no que mais Alexandre poderia buscar apoio para garantir sua ascensão? Logo em seguida, no trecho de fonte analisado, Arriano nos diz que Alexandre já se apresenta, à frente de seu exército, perante os gregos. Isso nos leva a refletir acerca do apoio

¹⁶ MOSSÉ, C. *Alexandre, o Grande...* p.19.

¹⁷ *Idem*, p.20.

¹⁸ Filho de Olímpia, uma princesa não macedônia, Alexandre era visto como um herdeiro não legítimo para muitos. Por isso, o segundo casamento de Felipe II, com a jovem macedônia Cleópatra, era visto como a verdadeira linhagem real macedônia por muitos opositores de Alexandre, principalmente após o nascimento de um filho dessa união.

dado a ele por essa instituição e seu peso na determinação de um novo monarca macedônio.

Para essa questão, Velilla aponta que as estratégias de Alexandre no período visavam à busca desse apoio, concretizando-se quando “*Antípatro, el más popular de los jefes militares a las órdenes de Filipo, indujo a la asamblea del ejército a proclamar rey a Alejandro*”.¹⁹ Para Mossé, Alexandre, como seu pai, buscou apoio no exército para suplantar entraves e garantir sua ascensão imediata.²⁰ Portanto, havia uma relação muito próxima do rei macedônio com o seu exército – diríamos até que necessária, mais do que qualquer outro aspecto, para uma garantia de sucessão.

O apoio do exército torna-se, portanto, uma condição indispensável para a manutenção do rei macedônio e, consequentemente, de sua política. Ou seja, é através de sua força que Alexandre fez política: seja negociando alianças, punindo revoltosos ou mesmo buscando apoio para sua expedição rumo ao Oriente. Portanto, percebemos que existe uma preocupação de Arriano em apontar essa relação líder/exército como indissociável ao longo de todo o processo de ascensão e legitimação do macedônio – o foco dado pelo autor às questões militares, e o manejo do seu general frente à elas, deixa claro isso. Alexandre, o líder exemplar, é um líder militar – a fonte de sua força e apoio.

Qualquer tentativa de se realizar um paralelo Adriano/Alexandre não é acidental nessa narrativa. Para a manutenção e paz de um Império Romano de tamanhas proporções, e que passa a sofrer com ameaças bárbaras, o apoio irrestrito do exército ao Imperador (e sua política) torna-se uma prerrogativa. Ou seja, é um vínculo necessário e que contribui em legitimar o mando por parte de alguns homens – nesse caso, Adriano. Logo, a obra de Arriano aponta para uma tendência, presente no Império Romano, à exigência de líderes com respaldo e base militar no seu comando. Isso reflete, na época do autor, o processo de dependência crescente

¹⁹ LOZANO VELILLA, A. *El mundo helenístico...* p.28.

²⁰ MOSSÉ, C. *Alexandre, o Grande...* p.20.

em relação à essa instituição – e que remonta desde o Imperador Augusto (62 a.C.-14 d.C.).

Alexandre surge como um líder militar e, como tal, deve satisfazer os interesses de sua base de apoio. Quais seriam? Principalmente, manter-se em guerra – o que, de fato, é aquilo que Alexandre mais faz na narrativa de Arriano. As sucessivas vitórias militares tornam-se a maior justificativa para sua manutenção na realeza, pois garantem o afluxo de riquezas que beneficiam o exército em guerra (pilhagem e botim). Portanto, é preciso manter esse estado de guerra constante, sem o qual haveria uma perda progressiva na legitimidade de seu próprio reinado. Compreendemos, a partir da narrativa de Arriano, que Alexandre consentia dessa necessidade, por isso tomará decisões rápidas visando tomar para si o desejo de seu pai: a expansão militar rumo ao Oriente – ou seja, ter um novo campo para conquistas e riquezas.

Sua presença imediata frente à Liga de Corinto²¹ corresponderia a esse anseio. Além disso, era fundamental para ele dar a garantia de que tudo se encaminharia nos moldes já estabelecidos por seu pai – ou seja, demonstrar que houve uma transição de líderes, não de interesses. Por isso, Alexandre buscou renovar a responsabilidade concedida à Felipe II pelas *poleis* gregas da liga, tornando-se o *hegemon* delas sob os mesmos pretextos de seu pai.

Um aspecto de interesse é que, já nesse momento inicial, percebemos a importância da idéia de “reunir” que a *Anábase* apresenta. Vemos em Alexandre um comportamento que privilegia a busca da coesão e aliança (implícita na relação Macedônia/Grécia) como sendo condição necessária e benéfica para o alcance de

²¹ A liga de Corinto, uma confederação de estados gregos criada em 339 a.C. após a batalha de Queronéia, nomeou Felipe II seu líder. Este, nomeado então *hegemon* dela, deveria estabelecer a paz geral entre os gregos e realizar uma expedição contra os Persas, libertando as *poleis* gregas da Ásia Menor. Contudo, tal investidura não era de caráter hereditário, ou seja, o sucessor de Felipe II, seja ele quem fosse, não assumiria automaticamente seus títulos e deveres.

interesses mútuos – a expedição contra os persas. Essa perspectiva se faz presente ao longo da narrativa de Arriano, e tornar-se-á mais clara ao fim do processo de ascensão e legitimação de Alexandre que ela demonstra.

O primeiro passo havia sido dado por Alexandre, garantir sua ascensão real. Mas como foi o processo de consolidação e legitimação dessa conquista? Arriano nos trás o longo percurso enfrentado pelo macedônio que, por sua vez, irá realmente garantir sua posição:

Alejandro, de regreso a Macedonia, comenzó ya los preparativos de la expedición contra Asia. Al llegar a la primavera, se puso en marcha hacia Tracia, concretamente contra los tribalos e ilirios, de quienes había oído que intentaban una sedición. Creía Alejandro que no debía partir a una expedición tan lejos de su patria sin dejar sometidos por completo a estos pueblos limítrofes suyos.²²

Surgem as primeiras dificuldades para Alexandre, mas por que não considerá-las como oportunidades para demonstrar sua grande aptidão à frente do exército? Arriano parece compreender a situação dessa exata forma, e eis que – a partir de uma necessidade que se impôs à Alexandre, que se via na iminência de garantir e pacificar sua retaguarda frente às ameaças locais – o autor encontra a ocasião para explorar as táticas e a genialidade do líder.

Os tríbalos e os ilírios surgem como os primeiros povos que, se utilizando da força, sublevam-se e questionam o novo mando macedônio. Anteriormente, apesar da presença mais que fundamental do exército como demonstração de força frente às *poleis* gregas da liga de Corinto, isso não ocorreu como resposta imediata à uma agressividade militar dos gregos – as questões foram debatidas e conformadas pela via institucional, tendo em vista a manutenção do tratado de aliança e paz entre Grécia e Macedônia.

Alexandre intervém frente ao risco de uma “*sedición*”, uma revolta que desestabilize o seu governo e ameace a coesão que ele estava buscando criar em torno de si. Frente aos riscos do momento e

²² ARRIANO. *Anabásis de Alejandro Magno (I-III)*... p.121.

pensando na seguridade de sua expedição à Ásia, o rei macedônio é prudente: antes de tudo, é preciso deixá-los “*sometidos por completo*”. A prudência surge aqui não como um sentimento inesperado e apenas desse momento, mas como uma das virtudes que destacam sua liderança e o legitimam ainda mais no poder. Anteriormente já vimos como suas ações são rápidas e confiantes. Ou seja, ao mesmo tempo em que é prudente, é um líder que também não hesita – calcula seus movimentos frente às dificuldades.

Portanto, é nesse momento que a imagem de Alexandre começa a ser melhor trabalhada por Arriano, passando a construir na figura histórica de Alexandre um personagem repleto de virtudes. Estas seriam, em grande parte, as responsáveis pelo bom encaminhamento de seus empreendimentos e tratadas como características inerentes (e necessárias) a um bom governante. O cultivo de tais virtudes torna-se exemplos a serem seguidos por outros líderes, pois legitimam o mando (poder) por parte de alguns homens. Dessa forma, Arriano realiza novamente um paralelo, buscando no passado o exemplo de virtudes que são, ou seriam, pertinentes ao seu tempo – e expressando seu apoio ao detentor delas, Adriano.

Mesmo dentro do relato técnico da expedição militar contra os ilírios, Arriano encontra os momentos adequados para continuar expondo as várias qualidades do macedônio, como quando relata que

*Alejandro estudió otras maneras de atravesar por el monte con mayor seguridad para sus tropas, pero, convencido de que no existía otra opción, decidió arrostrar el peligro, ya que por ninguna otra parte había acceso (...) Efectivamente, ocurrió tal y como Alejandro había supuesto.*²³

Neste pequeno trecho, referente a uma manobra tática do exército macedônio, Alexandre torna-se um comandante versátil, que procura estudar suas opções antes de agir. Ou seja, formula estratégias para uma ação consciente. Mas, a partir do momento que se faz necessário “*arrostrar el peligro*”, é a sorte que o acompanha e

²³ ARRIANO. *Anabásis de Alejandro Magno (I-III)*...p.122.

faz tudo acontecer como “*se había supuesto*” anteriormente. Tudo parece favorecer o macedônio.

O surgimento de uma nova virtude, no entanto, chama atenção – ao longo de suas manobras militares na região dos bárbaros, Alexandre demonstra um sentimento peculiar ao planejar um ataque surpresa, como expressa Arriano nas seguintes palavras: “*El plan de Alejandro era dispersarlos para poder atravesar el río, empresa por la que sentía vivo interés, y para la cual él mismo se había embarcado en una de sus naves*”.²⁴

Essa virtude (traduzida do original grego *póthos* por “vivo interesse”) não possui uma definição clara ou uma simples tradução que nos expresse todo seu sentimento. Garcia cita outros momentos em que essa mesma palavra surge na *Anábase*: quando Alexandre

“deseo subir la acrópolis de Gordio (II,3,1), de fundar Alejandría (II,1,5), de someter por las armas el monte Aornos (IV,28,4), y de otras muchas cosas que suponen otras tantas hazañas o, simplemente, algo que deseó especialmente”.²⁵

Por estes exemplos, percebemos que o *póthos* de Alexandre surge em momentos decisivos e marcantes, que precedem grandes eventos de sua vida. No caso analisado, o impacto da ação surpresa do rei, cruzando o rio e atacando os bárbaros, é exaltado como um grande feito na continuação:

*Los getas no resistieron siquiera el primer ataque de la caballería; en efecto, la osadía de Alejandro (que con toda facilidad había cruzado en una sola noche el Istro, que es el mayor de los ríos, y eso sin tener que tender un puente para su paso) les pareció increíble.*²⁶

O sentimento de *póthos*, portanto, surge e afeta o macedônio de forma positiva frente à determinada circunstância, impulsionando sua ação. É como se a narrativa de Arriano indicasse de antemão, pelo simples uso do termo, o incrível porvir de seu ato (o que, talvez,

²⁴ Idem, p.127.

²⁵ BRAVO GARCIA, Antônio. In: ARRIANO. *Anabásis de Alejandro Magno (I-III)*... p.58.

²⁶ ARRIANO. *Anabásis de Alejandro Magno (I-III)*... p.129.

seja algo de demasiado místico na personificação do macedônio). De qualquer forma, nada mais faz que exaltar sua genialidade, e o alvo desta foram os getas – um dos tantos povos bárbaros, habitantes da região além do Danúbio, que Arriano faz menção, mas que certamente receberam uma atenção especial, como veremos:

*alcanzó Alejandro el Istro, que es el mayor río de Europa. Atraviesa este río la mayor parte de ella, y al otro lado de su curso se encuentran los pueblos más belicosos de la tierra (en su mayor parte son celtas), justo donde nacen las fuentes del río. De ellos, los cuados y los marcomanos son los que viven en las regiones más alejadas. Se acercó luego Alejandro a los confines de los yáciges, que son una rama de los saurómatas, y a los inmortales getas, al grueso de los saurómatas, y los escitas, hasta alcanzar la desembocadura que desagua por cinco bocas al mar Euxino.*²⁷

Ao realizar esse panorama, vemos aqui surgir o interesse de Arriano em especificar melhor esses perigosos povos fronteiriços – uma “ameaça bárbara” já em épocas de Alexandre. Seu resoluto exagero, considerando-os “los pueblos más belicosos de la tierra”, torna-se uma espécie de enquadramento histórico de uma questão pertinente ao seu tempo: a relação com os povos bárbaros limítrofes, em especial os Dácos (getas) situados próximos ao Danúbio. Os “inmortales getas” da época de Arriano são alvo de uma nova política de Adriano: difíceis de lidar, são repelidos do domínio romano para além do Danúbio – ou seja, o rio foi e é (ou deveria ser) a fronteira. Portanto, a narrativa de Arriano sobre os getas, ainda que muito pertinente para a história de Alexandre e suas incursões, não deixa de ser um olhar atento ao passado daquele povo, procurando especialmente estigmatizá-lo. Da mesma forma, encaminha-se uma legitimação para a política de Adriano, tendo em vista a dificuldade no controle de um povo de barbárie “tradicionalmente” arredia.

Ao mesmo tempo em que essa experiência militar demonstrou-se oportuna, provando sua habilidade enquanto líder, consentimos que o principal objetivo de Alexandre fosse aquele de

²⁷ *Idem*, p.126.

garantir bem sua retaguarda. Portanto, ter essa segurança tornava-se a prioridade. Mas, para Alexandre, como garantir essa segurança de forma mais eficaz? Atentemos para o seguinte relato de Arriano, que acontece logo após o ataque surpresa ao getas:

*Se presentaron entonces ante Alejandro embajadores de todos los pueblos independientes que habitam junto al Istro, incluso unos de parte del rey Sirmo y también algunos representantes de los celtas que están asentados en el golfo Jónico (...) Preguntó a los celtas qué era lo que más temían de las cosas humanas (esperaba él que su fama ya habría llegado hasta los celtas y aún más lejos y que ellos confesarián que era él aquello que más temían); la respuesta de los celtas, sin embargo, le sorprendió (...) respondieron que lo que más temían era que el cielo se les cayera alguna vez encima, y que, aunque sentían simpatías por Alejandro, no era por miedo ni por esperar nada por lo que se habían presentado ante él. Otorgóles, pues, el nombre de amigos y los hizo sus aliados, despidiéndolos a su país y comentando reservadamente: ¡ Cuán fanfarrones son estos celtas!*²⁸

A pergunta de Alexandre à comitiva nos deixa claro uma expectativa em relação à sua própria imagem, a qual deveria causar temor frente aqueles povos. Destarte, a surpresa do macedônio com a resposta (ao final chamando-os de fanfarrões) demonstra sua inquietude e contradição perante algo que ele esperava estar causando. Ou seja, por detrás de suas ações militares na região também estaria se deixando claro o exemplo de que, sublevando-se, haveria represália e punição imediata. Fazê-los ter consciência disso é fundamental para um projeto de domínio e controle mais eficiente, no qual o medo torna-se um sentimento constante e evita uma aspiração à desordem. Tudo isso evidencia uma ação consciente e estratégica de Alexandre no período, buscando também um controle psicológico.

Portanto, contra aqueles que questionam, a punição. E para aqueles que apóiam, qual o comportamento exemplar de Alexandre? Esse nos é dado logo a seguir por Arriano, num momento em que Alexandre continua enfrentando mais povos rebelados:

²⁸ ARRIANO. *Anabásis de Alejandro Magno (I-III)*... p.130.

(...) el rey de los agrianos, Lángaro, se había mostrado aun en vida de Filipo bien dispuesto para con Alejandro, incluso había acudido ante él al frente de una legación; en esta ocasión se presentó ante él con los más apuestos y mejor armados componentes de sua guardia personal. Enterado de que Alejandro indagaba acerca de los autariatas, sobre quiénes y cuántos serían, le dijo que no debía preocuparse por los autariatas, ya que eran los menos belicosos de estas tierras; que él mismo invadiría la región de aquéllos (...) Recibió luego órdenes de Alejandro de atacar a los autariatas, cuyo país arrasó por completo (...) Por lo demás, Lángaro fue tenido en alta consideración por Alejandro, y recibió los regalos más apreciados por el rey de los macedonios. Alejandro le prometió en matrimonio su hermana Cina cuando aquél visitara algún dia Pela.²⁹

O exemplo de Langaro deixa claro que o apoio trás consigo seus benefícios, especialmente o de uma aliança cada vez mais próxima – representada aqui pela vontade de Alexandre em uni-lo à sua irmã. Trata-se de uma política agressiva e determinada: ou se é contra, passível de punição; ou se é a favor, beneficiando-se da aliança. Aliás, é uma contraposição muito sugestiva e que foi muito bem explorada por Arriano, pois confere uma diretriz política frente à questões envolvendo revoltosos (o que, no seu tempo, já eram vários – como vimos com os Dácios). Mas seriam apenas os povos bárbaros passíveis disso? O melhor exemplo dessa política, no entanto, viria da Grécia. A revolta que surge em Tebas contra o macedônio, e sua punição mais do que exemplar, veio a ser o marco da ação de Alexandre frente à revoltosos. Sua repercussão foi expressa da seguinte forma:

Esta desgracia del pueblo griego (por la importancia de la ciudad que había sido tomada, por la crudeza de la acción, y no menos porque no lo esperaban así ni los que la sufrieron ni quienes la ejecutaron) conturbó por igual al resto de Grecia y a los que participaron en la acción.³⁰

De fato, as palavras de Arriano expressam um sentimento de pesar, como se tal “desgracia” não pudesse acontecer ou muito

²⁹ ARRIANO. *Anabásis de Alejandro Magno (I-III)*... p.131.

³⁰ *Idem*, p.141.

menos fosse esperada por parte de civilizados. Da mesma forma, Arriano trabalha no sentido de amenizar a decisão de Alexandre:

Con todo, Alejandro todavía prefería la amistad con los tebanos antes que la aventura, y aguardaba ante la puerta Cadmea con su ejército allí acampado. Mientras tanto, en Tebas, los que mejor conocían lo más conveniente al conjunto de ciudadanos incitaban a ir en busca de Alejandro y obtener perdón para el pueblo tebano por su sedición. Mas los que habían regresado del exilio y quienes a éstos habían invitado, estimando que ningún acto de magnanimitad alcanzarían de Alejandro (...), incitaban al pueblo a entrar en guerra a toda costa. Ni siquiera así, empero, atacó Alejandro la ciudad.³¹

Alexandre aparece como um homem moderado, que aguarda a decisão tebana antes de qualquer atitude agressiva. De fato, Arriano livra o macedônio de qualquer excesso, legitimando tal ação punitiva mesmo frente à uma cidade grega. Foi uma tragédia ao povo grego? Sim. Porém, uma ação desnecessária? Não. Certamente, do ponto de vista político, foi um passo decisivo na consolidação de Alexandre perante os gregos, criando neles o temor da punição. O rei macedônio desse momento é justo e tolerante, busca negociar; mas, da recusa, não surge outra opção à não ser o ataque. Lembrando que, como já ressaltamos, sua intenção é aliar – criar uma coesão eficaz. Seja com bárbaros ou gregos (aliados), é preciso consolidar a união e punir desvios de comportamento que possam ferir a unidade almejada – eis o que aparenta ser uma recomendação de Arriano. Após Tebas, o Alexandre de Arriano já estará legitimado, partindo rumo à glória da conquista do Oriente.

Para o período da ascensão e legitimação de Alexandre, Arriano nos aproxima de uma visão histórica desse processo: o autor concilia sua pesquisa e composição de uma história à satisfação de seus interesses gerais em contá-la sem, para isso, encaminhar-se para uma visão demasiadamente mística ou predestinada em torno de Alexandre. Este é apresentado como um personagem repleto de virtudes, típicas do comandante ideal (para o passado e para a época

³¹ *Idem*, p.138.

de Arriano). Um líder de base militar, enfrenta exemplarmente, de forma consciente e estratégica, as várias dificuldades que se impõem à ele. Consolida-se (política, militar e de forma ideológica) paulatinamente no poder.

Como podemos perceber, não há como dissociar o estudo de Alexandre daquele do autor da fonte, Arriano. Isto nos levou, necessariamente, à busca de uma compreensão geral sobre os interesses de ambos em seus respectivos contextos. A narrativa de Arriano, a despeito de ser um exercício retórico, foi um estudo de caráter reflexivo da política e dos empreendimentos militares de Alexandre. De modo implícito, ele exalta o comportamento estratégico do macedônio. Em suma, o exemplo do passado se torna pertinente ao presente e, dessa forma, resgata e se apóia numa tradição. Tomando as palavras de Claude Mossé, acreditamos que Arriano:

(...) relata um período importante que via nascer uma nova forma de monarquia, herdada pelo mundo romano. Alexandre é o herói dessa transformação. Ele anuncia, em certa medida, a unidade do mundo que será realizada por Roma. Os historiadores de Alexandre, vivendo e escrevendo nesse mundo romano, tendo eles sido gregos, como Diodoro, Plutarco ou Arriano, ou romanos, como Quinto Cúrcio e Justino/Trogo, viram na figura do macedônio o fundador desse novo mundo.³²

A parcialidade do autor, portanto, é manifesta – se Alexandre desejava a união do mundo grego, o mesmo quer Arriano para o mundo romano.

BIBLIOGRAFIA

ARRIANO. *Anabásis de Alejandro Magno (I-III)*. Trad. de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

³² MOSSÉ, C. *Alexandre, o Grande...* p.184.

MOSSÉ, C. *Alexandre, o Grande*. Trad. de Anamaria Skinner. São Paulo: Editorial Estação Liberdade, 2004.

LOZANO VELILLA, A. *El mundo helenístico*. Madrid: Editorial Sintesis, 1992.